

Seminário de Avaliação Final - Mortalidade Materna e Morbimortalidade Neonatal

Nos dias 22 e 24 de outubro de 2007, durante a realização do evento *Pesquisa para Saúde: desenvolvimento e inovação para o SUS*, o Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit), da Secretaria de Ciência, Tecnologias e Insumos Estratégicos (SCTIE), do Ministério da Saúde, organizou o Seminário de Avaliação Final dos projetos de pesquisa contemplados no Edital 36/2004 – Mortalidade Materna e Morbimortalidade Neonatal.

O *Pesquisa para a Saúde* contou com a participação de diversas instituições e atores da área para traçar novas orientações para a ciência, tecnologia e inovação no Brasil. Na ocasião, o Decit promoveu seminários de avaliação de vários editais que enriqueceram o encontro e serviram para construir pontes entre a academia e a gestão.

Na abertura do Seminário de Avaliação Final dos projetos contemplados no edital de Mortalidade Materna e Morbimortalidade Neonatal, a coordenadora-adjunta de Fomento à Pesquisa em Saúde, Margarete Oliveira, fez uma breve apresentação sobre: o processo de julgamento das propostas submetidas e aprovadas; a escolha das temáticas; os pesquisadores que integraram o comitê temático do Edital; a seleção dos projetos para apresentação no seminário; os critérios adotados; e todos os procedimentos do acompanhamento e da avaliação dos projetos financiados.

O Seminário foi dividido em seis blocos temáticos, totalizando 34 projetos apresentados, sendo que, para cada temática, foram convidados pelo menos dois consultores com expertise na área. São eles: Roseli Nomura, Sônia Fernandes, Ana Cristina Tanaka, Sandra Araújo e José Guilherme Cecatti. Além dos consultores convidados, participaram do evento a consultora técnica da Coordenação-Geral de Fomento à Pesquisa em Saúde Lillian Rose Peters e as representantes das áreas técnicas de Saúde da Mulher e da Criança do Ministério da Saúde, Daphne Rattner e Elsa Giuliani, respectivamente.

Complicações na gestação e no parto estão entre as dez principais causas de morte de mulheres. Aproximadamente 92% desses casos poderiam ser evitados. Para ajudar na redução do problema, o Ministério lançou em 2004 o Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal. A meta é reduzir os índices de mortalidade materna e de recém-nascidos em 75% até 2015. O Pacto compreende diversos trabalhos na busca por qualificar e humanizar o atendimento nessa área, além de reduzir as taxas de cesarianas no país, que chegam a 40%.

Confira, a seguir, as principais informações apresentadas.

Morbidade neonatal e infantil

Pesquisadores estabelecem novo protocolo de avaliação de anomalias congênitas

Um novo protocolo de avaliação de recém-nascidos com anomalias congênitas foi criado e aplicado por uma equipe coordenada por Mirlene Cecília Soares Pinho Cernach, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). De acordo com o estudo, a nova prática demonstrou ter taxa de detecção maior, quando comparada à rotina estabelecida anteriormente. Todos os bebês nascidos no Hospital São Paulo (HSP) em 2005 foram submetidos ao protocolo de avaliação genético-clínica e ao aconselhamento genético. A análise incluiu o levantamento de informações sobre a gestação, o parto e o bebê, exames físicos, medição antropométrica e descrição detalhada do fenótipo da criança. Dos 941 recém-nascidos avaliados, 119 (12,64%) foram identificados como portadores de anomalias congênitas. O protocolo foi avaliado por meio da comparação entre o número de pacientes com diagnóstico de anomalia congênita nascidos no HSP, em anos anteriores, e o número de pacientes diagnosticados após a instalação do protocolo de avaliação.

Contato: mcernach.morf@epm.br

Leite materno perde vitamina A durante pasteurização

O processo de descongelamento, pasteurização e congelamento do leite materno, realizado nos bancos de leite humano, provoca a redução dos níveis de vitamina A no alimento. De acordo com o estudo apresentado por Karla Danielly Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a perda é provavelmente resultante da exposição dos frascos à luz durante o descongelamento e o reenvase, e da influência das microondas do forno durante o descongelamento. Considerando um consumo de 500 ml de leite por dia, observou-se que o leite anterior à pasteurização ofereceu 69,3% das necessidades diárias recomendadas para o bebê, e o leite processado, 45,8%. Com relação a bebê prematuro, o leite processado ofereceu apenas 43,6% das necessidades nutricionais. O estudo também mostrou que o valor médio de vitamina A no colostro de mães que tiveram o bebê a partir da 37ª semana de gestação atende às necessidades de vitamina A do recém-nascido. Já o colostro das mães que tiveram bebês prematuros cobre apenas 66% das necessidades. Para a equipe, a suplementação materna de vitamina A pode reduzir os riscos de uma possível deficiência do nutriente.

Contato: karladaniellysr@yahoo.com.br

Desenvolvimento motor dos bebês não está relacionado ao tempo de amamentação

O desenvolvimento motor apresentado por bebês prematuros, nos seis primeiros meses de vida, é inferior ao registrado por bebês nascidos a partir da 37ª semana. A constatação vem de um estudo coordenado por José Eulálio Cabral Filho, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A equipe comparou o tempo de desenvolvimento motor e a duração da amamentação por leite materno e descobriu que não há correlação entre ambos. Foram avaliadas 133 crianças nascidas no Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira (IMIP).

Contato: eulalio@imip.org.br

Bebês de baixo peso apresentam mais risco de desenvolver atraso na linguagem

Crianças de baixa renda, criadas por mães com o hábito de consumir bebida alcoólica, que precisam dividir a atenção das mesmas com mais de dois irmãos e que nasceram com baixo peso têm maior probabilidade de apresentar atraso no desenvolvimento da linguagem. A conclusão é de uma pesquisa coordenada por Ricardo Halpern, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Foram incluídos na pesquisa 359 bebês nascidos entre novembro de 2004 e maio de 2005 em um hospital filantrópico do município de Lageado (RS). Desses, 11,7% apresentaram atraso de comunicação aos três meses e 14,5%, aos seis meses. Os pesquisadores relatam a importância de treinamento de equipes de PSF para identificação do atraso na comunicação, o que pode proporcionar terapia precoce e cuidado especial.

Contato: rhalpern@terra.com.br

Equipe cria dispositivo para medir fluxo sanguíneo cerebral de recém-nascidos

A auto-regulação do fluxo sanguíneo cerebral é necessária para manutenção da passagem do sangue no cérebro e para proteção contra isquemia cerebral e hipertensão arterial. O estudo coordenado por Jurandir Nadal, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve como objetivo desenvolver um novo dispositivo capaz de determinar a presença da auto-regulação em recém-nascidos internados na UTI neonatal do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), unidade da Fiocruz especializada em saúde da mulher e da criança no Rio de Janeiro. Ao final da pesquisa, foi possível medir a auto-regulação e a velocidade do fluxo sanguíneo com o uso do dispositivo computacional desenvolvido.

Contato: jn@peb.ufrj.br

Infecção hospitalar é mais freqüente em bebês de baixo peso

Um sistema de vigilância epidemiológica capaz de estimar a incidência de infecção hospitalar foi implantado em três unidades de terapia intensiva neonatal do município do Rio de Janeiro. O objetivo era verificar as taxas de infecção hospitalar, a resistência aos antimicrobianos e os tipos de microorganismos encontrados. De acordo com a pesquisa, 40% da população estudada (837 crianças em um total de 2.051) tinham sido expostas a antimicrobianos. A infecção hospitalar foi mais freqüente entre os nascidos com menos de 1 kg, atingindo 54,5% deles e sendo responsável por 53,3% das mortes nessa faixa. Entre as infecções diagnosticadas, 60% foram da corrente sanguínea. Para a equipe coordenada por Carmem Lucia Pessoa da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tais achados indicam que deficiências no controle de infecção hospitalar podem anular parcialmente os benefícios esperados dos investimentos na área de terapia intensiva neonatal.

Contato: pessoa-silva.cl@hucff.ufrj.br

Uso de anti-retrovirais em lactentes leva a uma progressão mais lenta da infecção por HIV

O consenso brasileiro entende que bebês só devem ser tratados com anti-retrovirais se apresentarem sintomas de imunossupressão severa. Mas o estudo coordenado por Cristina Barroso Hofer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mostrou que o monitoramento das taxas de CD4+ (células de defesa do organismo) e o uso de zidovudine (ZDV) em lactentes que ainda não apresentam esses sintomas levam a uma evolução mais lenta da infecção, na qual a imunossupressão severa aparece depois dos cinco anos de idade. A pesquisa foi feita com 213 pacientes acompanhados desde 1996 em um centro de referência brasileiro para o tratamento do HIV. Foram elaboradas fichas padronizadas para coleta de dados dessas crianças, com informações demográficas, sociais, epidemiológicas, clínicas, laboratoriais e de medicações. Os dados possibilitarão uma avaliação contínua do prognóstico dessa população.

Contato: cbhofer@hucff.ufrj.br

Recém-nascidos PIG têm maior dosagem de colesterol com um ano de vida

Pesquisa apresentada por Maria Elisabeth Lopes Moreira, do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), analisa o crescimento, o desenvolvimento psicomotor e a composição corporal de recém-nascidos pequenos para a idade gestacional (PIG), devido às altas incidências de desnutrição desse público.

O estudo de coorte demonstrou que esses bebês, quando comparados a outros de mesma idade, apresentam maior quantidade de água no corpo, mais gasto calórico e déficit em todas as medidas antropométricas, além de uma maior dosagem de colesterol, com um ano de vida. Os resultados salientam a importância da revisão das recomendações nutricionais e das políticas públicas voltadas para esses bebês. A equipe que realizou o estudo sugere o estabelecimento de uma coorte até a vida adulta.

Contato: bebeth@iff.fiocruz.br

52,5% dos óbitos neonatais em São Paulo atingem recém-nascidos com menos de 1,5kg

O estudo de coorte realizado com recém-nascidos de muito baixo peso na região sul no município de São Paulo, entre agosto de 2000 e janeiro de 2001, revelou a elevada taxa de óbitos entre o grupo, que correspondem a 1,3% do total de nascimentos. A probabilidade de morte em bebês nascidos com menos de 1,5 kg foi de 52,5%. Para a equipe que realizou a pesquisa, esse número é elevado. Nos Estados Unidos, por exemplo, ele não passa de 21,3%. A pesquisa coordenada por Márcia Furquim de Almeida, da Universidade de São Paulo (USP), realizou um total de 238 entrevistas domiciliares, além da busca de dados em prontuários e constatou que nenhum dos recém-nascidos com menos de 700g teve sobrevida. Já na faixa dos 900 gramas a taxa de óbito foi de 39%. Segundo os pesquisadores, a estatística difere do que se observa no país como um todo. Ao final do estudo, foram identificados como fatores de risco para a morte neonatal o local de residência (favela), a existência de cesárea anterior, o antecedente de aborto provocado (que pode ter deixado seqüelas) e o fato de mãe ser adolescente.

Contato: marfural@usp.br

Cubatão tem elevado coeficiente de natimortalidade por malformações congênitas

Uma pesquisa feita em nove municípios da Baixada Santista (litoral de São Paulo), região onde a mortalidade infantil é a maior do estado, mostrou que a cidade de Cubatão tem o maior coeficiente de natimortalidade por malformações congênitas. De acordo com a pesquisa, a poluição por Dióxido de Enxofre (SO₂) e por material particulado pode estar associada ao baixo peso ao nascer. Também foram avaliadas, em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde, todas as maternidades da região. Os resultados apontam deficiências no sistema de informação hospitalar, taxas elevadas de cesárea, ausência de normas e procedimentos descritos, além da ausência de cardiotoco (aparelho que monitora os batimentos cardíacos do bebê) e do equipamento de ultrasonografia em algumas maternidades. Em um dos municípios, foram entrevistadas todas as mães cujos filhos morreram. Destas, 96% realizaram o pré-natal e 80% fizeram mais de quatro consultas. No entanto, elas desconhecem os motivos que levaram seus filhos à morte. Para a coordenadora do estudo, Aylene Bousquat, da Universidade Católica de Santos (Unisantos), a pesquisa mostra que não existe acolhimento dessas mães, tanto no parto como quando ocorre o óbito.

Contato: aylene.bousquat@pesquisador.cnpq.br

Baixo peso ao nascer aumenta 1,2% ao ano no país

Pesquisa coordenada por Antônio Augusto Moura da Silva, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), levanta o paradoxo de que o baixo peso ao nascer está aumentando em algumas cidades brasileiras nas quais o padrão de vida está melhorando. Baseada em análise de dados do Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a equipe observou, no entanto, que a taxa de baixo peso ao nascer está aumentando numa proporção de 1,2% ao ano, especialmente nas regiões menos desenvolvidas do país, o que pode levar a uma redução desse paradoxo. Foram analisadas as correlações do baixo peso ao nascer com as taxas de mortalidades neonatal, fetal e perinatal; a razão de leitos de UTI neonatal por nascidos vivos; e as taxas de cesárea. No estudo, a hipótese de que poderia haver sub-registro do baixo peso ao nascer nas regiões menos desenvolvidas não se confirmou. De acordo com a equipe, o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde tem uma cobertura superior a 90% em quase todas as capitais.

Contato: aasilva@elo.com.br

Demora excessiva na entrega de exames afasta usuárias do SUS no Recife

A forma como adolescentes, adultos e profissionais de saúde retratam os riscos de mortalidade infantil no Recife foi avaliada em uma pesquisa coordenada por Russel Scott e apresentada no seminário por Marion Quadros, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trata-se de pesquisa antropológica e qualitativa, na qual o grupo observou e entrevistou 12 redes familiares diferenciadas por geração, segundo a faixa etária materna - seis adolescentes (10 a 19 anos) e seis adultas (20 anos ou mais) - e experiência de mortalidade (oito com óbito, quatro sem óbito), residentes em duas áreas com altos índices de violência no Recife, cobertas pelo Programa Saúde da Família (PSF). Foram realizados grupos de discussão com agentes comunitários e leitura de documentos. De acordo com o estudo, a mortalidade infantil não parece estar relacionada à negligência materna, e sim a problemas com as relações familiares. A pesquisa também aponta uma desconfiança generalizada por parte das mães com relação à atenção em saúde. Erros médicos e demoras excessivas na entrega de exames foram associados à mortalidade infantil e fazem parte das razões que afastam muitas usuárias dos hospitais públicos e das equipes do PSF.

Contato: marionteodosio@gmail.com

Mortalidade neonatal em Fortaleza diminui 30% em dez anos

O coeficiente de mortalidade neonatal precoce (por 1.000 nascidos vivos) em Fortaleza sofreu uma redução de 30,3% entre 1995 e 2005. A constatação vem da pesquisa coordenada por Álvaro Jorge Madeiro Leite, da Universidade Federal do Ceará (UFC). De acordo com os pesquisadores, o percentual era de 15,2% em 1995 e caiu para 10,6% em 2005. Foram estudados todos os nascimentos (vivos e mortos) de Fortaleza em hospitais públicos e privados conveniados com o SUS e todos os recém-nascidos foram acompanhados do nascimento até a alta ou óbito hospitalar. Durante o estudo, identificou-se a precariedade dos prontuários e a pouca qualidade das informações na área da saúde local. Além disso, o conhecimento gerado promoveu o treinamento de grupos de pesquisa.

Contato: alvaromadeiro@yahoo.com.br

Estudo avalia cobertura dos Comitês de Investigação do Óbito Infantil em SP

Criados com o intuito de diminuir as estatísticas de óbitos infantis, os Comitês de Investigação do Óbito Infantil do estado de São Paulo podem ter sua efetividade aprimorada. É o que recomenda a avaliação apresentada por Sonia Ioyama Venancio, do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP). O estudo verificou a existência dessas instâncias em 87% das regionais do estado e em 53% dos municípios. Os Comitês freqüentemente identificam os determinantes da morte infantil e isso não tem sido suficiente para resultar em modificações na assistência, como é esperado. Os participantes dos Comitês consideraram necessário modificar a rotina do pré-natal; garantir a presença do pediatra na sala de parto; e fazer com que essas comissões atuem nas maternidades. Existe também uma expectativa de que a SES apóie e articule melhor a discussão sobre estratégias para redução da mortalidade infantil no estado.

Contato: soniav@isaude.sp.gov.br

Óbitos infantis são subnotificados em Minas Gerais

A qualidade das informações sobre causas de óbitos infantis nos municípios mineiros de Almenara, Belo Horizonte, Padre Paraíso, Teófilo Otoni e Uberlândia precisa ser melhorada. O estudo coordenado por Elisabeth Barboza França, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dividiu o estado em regiões de acordo com as condições socioeconômicas e constatou a necessidade de melhorar a qualidade das informações de rotina. De acordo com os resultados, existem problemas de subnotificação sobre os óbitos e sobre os nascidos vivos. Pela análise das informações sobre os partos, a equipe também verificou que a causa básica do óbito está mais relacionada a situações de prematuridade do que à asfixia.

Contato: efranca@medicina.ufmg.br

Estudo revela fatores associados aos óbitos de bebês com baixo peso no Recife

Entre 2001 e 2003, de um total de 5.687 nascidos vivos no Recife com peso variando entre 500 g e 2,49 kg, 499 foram a óbito. A análise coordenada por Sonia Bechara Coutinho, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), excluiu casos de gestações múltiplas e de malformação no cérebro. Entre os fatores associados a essas mortes, destacam-se número de consultas pré-natal inferior a seis; baixo nível sociocultural da mãe; nascimento em hospital conveniado ao SUS; idade materna menor que 20 anos e maior que 35; e a ausência do companheiro. De acordo com os pesquisadores, o estudo levanta a discussão a respeito da necessidade de se avaliar de forma mais aprofundada a estruturação da rede e a qualidade da atenção oferecida pelo município.

Contato: soniabechara@terra.com.br

84% dos óbitos neonatais em municípios do Maranhão poderiam ser evitados

Pesquisa feita nos municípios maranhenses de Bacabal, Caxias, Barra do Corda, Presidente Dutra, Pedreiras e São José de Ribamar mostrou que 84% dos óbitos de recém-nascidos ocorridos em 2005 poderiam ter sido evitados, caso o bebê tivesse recebido assistência médica e hospitalar de melhor qualidade. A equipe coordenada por Valdinar Sousa Ribeiro, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mostrou que 79% desses óbitos são potencialmente evitáveis com planejamento familiar e 76% dos mesmos podem ser evitados por uma assistência hospitalar melhor, o que inclui assistência ao parto e ao pós-parto. Entre as características dos óbitos, destacam-se peso menor de 2,5 kg ao nascer (64,1%); problemas respiratórios (51,7%); idade materna igual ou menor que 18 anos (20,8%); renda familiar menor que um salário mínimo (50,9%); e baixa escolaridade (80%). Com o estudo, os pesquisadores sugerem novas abordagens para as equipes do Programa Saúde da Família (PSF) objetivando um melhor atendimento a essa população.

Contato: zmribeiro@uol.com.br

Morbidade pré e pós-natal

Rastreamento de HIV e sífilis entre gestantes de Salvador não atende aos protocolos

Estudo apresentado por Bruno Gil de Carvalho Lima, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), avaliou a qualidade da assistência pré-natal oferecida às usuárias do SUS em Salvador, no que se refere ao rastreamento da infecção pelo HIV e pela *Treponema pallidum*, bactéria causadora da sífilis. De acordo com os resultados, o pré-natal tem se iniciado tardiamente e a qualidade das informações do cartão da gestante é precária. Cerca de 1.100 mulheres no pós-parto responderam um questionário e os resultados foram comparados a informações do cartão da gestante e/ou transmitidas pela família. De acordo com a análise, a realização de exames laboratoriais de rastreamento de HIV e sífilis não atendeu aos protocolos do Ministério da Saúde, com pior desempenho entre mulheres de menor renda familiar.

Contato: brunogil@ig.com.br

Qualidade do pré-natal em São Paulo melhora em quatro anos

A qualidade da assistência pré-natal em unidades básicas de saúde do município de São Paulo melhorou entre os anos de 2000 e 2004. Essa é uma das conclusões da pesquisa apresentada por Elisabeth Niglio de Figueiredo, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). De acordo com o estudo, houve um aumento no número de consultas (médicas e de enfermagem) no pré-natal durante o período. Do total de 1.299 gestantes atendidas em doze unidades básicas de saúde em 2004, 7,8% apresentaram agravos infecciosos, como sífilis, HIV, hepatite B, hepatite C, toxoplasmose e rubéola. Em 2000, das 818 gestantes atendidas, 10% tiveram esses agravos. A variação sorológica para sífilis foi de 4% em 2004 e de 6,5% em 2000 e a soropositividade para HIV foi de 0,5% em 2004 e de 3,7% em 2000. Após quatro anos, a equipe também constatou nas gestantes evidência sorológica de infecção pelo vírus da hepatite B em 2,5% e infecção pelo vírus da hepatite C em 0,8%. De acordo com a pesquisa, o sistema de referência e contra-referência para os agravos de transmissão vertical na região apresenta falhas que devem ser corrigidas.

Contato: elisabeth@denf.epm.br

Pesquisa avalia influência das alterações imunológicas no sucesso da gravidez

O estudo apresentado por José Artur Bogo Chies, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), teve como objetivo avaliar a influência de alterações imunológicas da gestante no sucesso da gravidez. A proposta era analisar subpopulações de células do sistema imune, alterações no perfil de moléculas envolvidas na resposta imunológica, proliferação celular e polimorfismo da molécula HLA-G, associada com o crescimento feto-placentário. Dados preliminares do estudo indicam associação de uma variante genética da molécula HLA-G com o desenvolvimento de pré-eclâmpsia (caracterizada pela pressão alta, retenção de líquidos e eliminação de proteínas pela urina) em gestantes que dão à luz pela primeira vez.

Contato: jabchies@terra.com.br

Novos indicadores para a melhoria da saúde perinatal

A pesquisa apresentada por Eliana Martorano Amaral Freitas da Silva, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), teve por objetivo comparar o desempenho da morbidade materna grave, morte materna, morte fetal e morte neonatal precoce como indicadores para qualificar a saúde do bebê nos períodos imediatamente anterior e posterior ao parto. Os autores sugerem que as ocorrências de morbimortalidade materna e de óbito fetal sejam utilizadas como alerta a profissionais da saúde sobre a possível ocorrência de agravos, incapacidades ou de óbitos, que poderiam ser evitados. Os pesquisadores também sugerem que a morbidade materna seja objeto de discussão clínica nas instituições como vigilância-sentinelas para a avaliação do impacto das medidas de intervenções utilizadas. Eles apontam a necessidade de capacitação das equipes de saúde para identificação precoce das mortes fetais e neonatais.

Contato: eliana@unicamp.br

Violência e gestação

Prevalência de violência contra grávidas em Recife é elevada

Estudo apresentado por Ana Bernarda Ludermir, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), investigou a prevalência da violência psicológica, física e sexual cometida por parceiros íntimos contra mulheres grávidas e suas conseqüências para a saúde mental da vítima. Foram incluídas na pesquisa 1.057 mulheres com idades entre 18 e 49 anos, cadastradas no Programa de Saúde da Família (PSF) do Distrito Sanitário II da cidade do Recife. As prevalências de violência (30,95%) e de transtornos mentais comuns na gravidez (43,39%) foram consideradas elevadas em comparação a outros estudos populacionais realizados no Brasil e em países desenvolvidos. De acordo com a pesquisadora, a prevalência global de violência manteve-se praticamente constante antes e durante a gravidez, havendo alteração na frequência dos seus tipos. Durante a gravidez a violência física diminuiu e a psicológica aumentou.

Contato: abl@ufpe.br

5

Mortalidade Materna

Resultados de Pesquisa

INFORMATIVO
DECIT

Mulheres em situação de violência recorrem mais ao aborto

De um total de 734 mulheres com idades entre 18 e 49 anos, cadastradas no Programa de Saúde da Família (PSF) do Distrito Sanitário II de Recife, 39,2% já sofreram aborto. No estudo, 23,3% das mulheres disseram que já foram maltratadas ou humilhadas no serviço de saúde, sendo que 40% das humilhações e maus-tratos ocorreram no atendimento por ocasião do aborto. De acordo com a pesquisa coordenada por Thália Velho Barreto de Araújo, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mulheres em situação de violência tiveram mais dificuldade em realizar contracepção e recorrem mais ao aborto provocado. Um obstáculo no controle da gravidez indesejada é que o uso de contracepção foi desaprovado ou impedido por 23,5% dos parceiros. Para a pesquisadora, a associação entre violência pelo parceiro íntimo, gravidez não pretendida e aborto provocado indica a necessidade de mudanças nas práticas nos serviços de saúde.

Contato: thalia@ufpe.br

Pesquisa analisa circunstâncias nas quais magistrados brasileiros admitem o aborto

Questionário respondido por 1.493 juízes brasileiros, número que corresponde a 14% do total de filiados na Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), mostrou que, entre os que manifestaram uma opinião sobre o assunto, 61,2% admitem possíveis mudanças na lei de aborto no sentido de ampliar os permissivos. Entre as características comuns dos participantes da pesquisa apresentada por Graciana Alves Duarte, do Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas (Cemicamp), destaca-se o fato de não serem religiosos (51%). Quanto à opinião acerca das situações nas quais o aborto deveria ser permitido, dada por 1.466 magistrados, a maioria (79%) citou risco de morte para a mãe, anencefalia e malformação congênita grave; 76% citaram a gravidez resultante de estupro; 17,3% defenderam o aborto no caso de a mulher não ter condições financeiras; 11,4% disseram em qualquer situação e 7,3%, em nenhuma circunstância.

Contato: graduarte@cemicamp.org.br

Saúde da mulher

Peregrinação de mães em busca de atendimento médico é mapeada no Rio de Janeiro

Pesquisa apresentada por Enirtes Caetano Prates Melo, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), analisou a morbidade e a mortalidade materna e neonatal e a sua relação com o deslocamento espacial para garantir acesso à assistência. De acordo com os especialistas, o fluxo de gestantes em busca de atendimento obstétrico gera riscos para a mãe e para o bebê. Por meio de métodos estatísticos e epidemiológicos, a equipe conseguiu mapear a peregrinação em busca de atendimento na região metropolitana do Rio de Janeiro. O processo observado marca desigualdades sociais no acesso e na utilização de serviços. Os pesquisadores pretendem disseminar o método para profissionais e estudantes da saúde.

Contato: enirtes@globo.com

Pesquisa indica relação entre o baixo desenvolvimento social e a mortalidade materna

O estudo coordenado por George Dantas de Azevedo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), analisou a distribuição espacial da mortalidade materna em relação aos indicadores de desenvolvimento humano. A intenção foi dar subsídio para elaboração de políticas públicas visando a redução das mortes maternas no Rio Grande do Norte. A equipe utilizou como fonte de pesquisa dados oficiais dos 166 municípios do estado, registrados entre 1995 e 2002. Ao todo, foram contabilizadas 75,2 mortes maternas para cada 100 mil nascidos vivos. Considerando apenas municípios com registro de óbitos de mães, ocorreram no estado 103,9 mortes/100 mil nascidos vivos. De acordo com o coordenador, o estudo reafirma a necessidade de melhoria na cobertura e na qualidade dos registros de óbitos e nascimentos no estado. Além disso, os dados confirmaram a correlação entre a mortalidade materna e baixos níveis de desenvolvimento humano e social.

Contato: georgedantas@uol.com.br

Pesquisa analisa a mortalidade materna entre os tupinambás

Estudo apresentado por Cecília Anne McCallum, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), investigou a mortalidade materna entre o povo Tupinambá de Olivença (BA). A equipe mapeou a situação de saúde reprodutiva das indígenas segundo uma perspectiva antropológica e fez o diagnóstico da mortalidade materna entre 2000 e 2006. Apenas um óbito de mulher foi confirmado como decorrente de complicações na gravidez. De acordo com os pesquisadores, a hemorragia sofrida pela mulher de 41 anos foi resultado de um acúmulo de problemas, todos passíveis de resolução com medidas simples. Eles destacam como fatores o difícil acesso à contracepção, a irregularidade do serviço de pré-natal oferecido na cidade e a não procura por atendimento médico em casos de sangramento. O grupo também entrevistou 60 mulheres para descobrir as formas de contracepção que utilizam. Chamou a atenção dos pesquisadores o fato de a maioria ter considerado a laqueadura como um método contraceptivo.

Contato: cecilia.mccallum@uol.com.br

Causas de mortalidade de mulheres em idade fértil são investigadas

Para conhecer o perfil da mortalidade de mulheres em idade fértil (entre 10 a 49 anos), por meio de suas causas (básicas e associadas) e de outras variáveis consideradas importantes do ponto de vista epidemiológico, a pesquisa apresentada por Maria Helena Prado de Mello Jorge, da Universidade de São Paulo (USP), foi dividida em alguns subprojetos. Entre os resultados alcançados, a equipe estudou o suicídio de mulheres em idade fértil e investigou a mortalidade por doenças hipertensivas e infecciosas nesse grupo.
Contato: mhpjorge@usp.br

Modelos de atenção ao parto e ao recém-nascido

Estudo aponta falta de estímulos para atuação de enfermeiros obstetras

Pesquisa coordenada por Sílvia Lúcia Ferreira e apresentada por Mirian Santos Paiva, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), investigou as características de trabalho em instituições do SUS no que diz respeito ao atendimento pré e pós-natal. Dividido em quatro subprojetos, o estudo mostra que a maioria (89,9%) das enfermeiras que participaram do curso de especialização em Enfermagem Obstétrica da UFBA entre 1998 e 2004 está atuando no SUS. No entanto, ainda há muitas dificuldades. De acordo com a pesquisa, apesar de o Ministério da Saúde promover em todo o território nacional cursos de formação para enfermeiros obstetras, como uma proposta para reduzir os índices de morbidade e mortalidade materna e infantil, não existem incentivos nem medidas legais para que esses profissionais possam realizar o parto normal, o que leva ao embate no campo de atuação, ao desestímulo e às frustrações pessoais. A pesquisa motivou a implantação de um espaço de parto alternativo (Projeto EPA) na maternidade Tsylla Balbino.

Contato: mirian@ufba.br

Estudo avalia impacto da implantação da enfermagem obstétrica em Natal

Pesquisa coordenada por Bertha Cruz Enders, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), também analisou a implantação do modelo de enfermagem obstétrica. O estudo foi realizado em duas maternidades públicas no município de Natal. O foco era descobrir em que medida as enfermeiras efetivaram mudanças nas suas práticas após qualificação como enfermeiras obstetras e quais as barreiras enfrentadas por elas. Apesar de 93,5% relatarem mudanças em suas práticas, a maioria não realiza o parto. O estudo aponta dissonâncias na aceitação e valorização da atuação da enfermeira obstetra por parte dos profissionais da maternidade e a falta de apoio por parte de alguns gestores de saúde para continuidade do modelo.

Contato: berth@ufrnet.br

Estudo valida questionário de satisfação do Método Canguru

Pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) validaram um método confiável para medir a satisfação da mulher e dos profissionais de saúde com o Método Canguru. Trata-se de uma atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso, na qual ele recebe contato pele a pele. De acordo com Sílvia Sarinho, que apresentou a pesquisa, foi feita a tradução do questionário do inglês para o português, a tradução reversa para o inglês, a adaptação dos termos e um teste, que confirmou a confiabilidade do questionário. Aplicado a um grupo de mães e profissionais da saúde, ele mostrou que a assistência personalizada proporciona segurança às mães e satisfação às equipes de saúde.

Contato: cpex@fcm.upe.br

Pesquisa analisa o impacto da implantação do atendimento humanizado no trabalho de parto

O impacto da implantação do atendimento humanizado durante o nascimento do bebê foi investigado em um estudo apresentado por Maria Yolanda Makuch, do Centro de Pesquisas Materno-Infantis de Campinas. De acordo com a pesquisa, as mulheres relataram que foram orientadas quanto à respiração, posição vertical e participação do acompanhante nas salas de pré-parto e parto. Já os profissionais de enfermagem entenderam a humanização como a promoção do conforto à parturiente e os médicos aceitaram a implementação das ações de humanização, mas sem modificar suas formas de atendimento.

Contato: mmmakuch@cemicamp.org.br

Expediente:

O Informativo Decit Série *Resultados de Pesquisa* é uma publicação técnica do Departamento de Ciência e Tecnologia, da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, do Ministério da Saúde, que se destina a divulgar os resumos e resultados das pesquisas apoiadas pelo Departamento.

MINISTRO DA SAÚDE

José Gomes Temporão

SECRETÁRIO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS

Reinaldo Guimarães

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Suzanne Jacob Serruya

COORDENADORA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO

Maria Cristina Costa de Arrochela Lobo

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Renata Maia (RP 3529/PE)

Ivy Fermon (RP 6837/DF)

Sarita Coelho (RP 25549/RJ)

DESIGNER / DIAGRAMAÇÃO

Emerson eCello / Renata Guimarães

COLABORAÇÃO

Cristina Hoffmann e Lilian Peters

CONTATO

decit@saude.gov.br

61 3315-3298 ou 3466